

Etnopsicanálise: um novo estilo de pensamento sobre o estudo do homem

Ethnopsychoanalysis: a new way of thinking about the study of man

Franciely Carolina dos Santos

Doutoranda em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

francarol1@outlook.com

Recebido: 20/07/2024

Aprovado: 26/02/2025

Resumo: O objetivo deste artigo é introduzir, na história da ciência, o debate entre antropologia e psicanálise, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX, em torno da universalização do “Complexo de Édipo” nas sociedades primitivas. Na nossa perspectiva, a querela envolvendo o antropólogo e etnógrafo Bronislaw Malinowski (1884-1942) e o médico e psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), colaborou para o surgimento de um novo campo de estudo conhecido como Etnopsicanálise. Portanto, no decorrer do texto, busca-se responder a seguinte questão: O conflito de teorias e métodos entre duas disciplinas científicas que possuem o mesmo objeto de pesquisa, nesse caso o homem, pode resultar em um novo campo do conhecimento? Para responder essa questão, os conceitos elaborados pelo historiador da ciência Ludwik Fleck, a saber: “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento”, norteará as discussões epistemológicas das duas disciplinas sobre os desdobramentos desse cenário de disputas de ideias. E como fonte principal, será utilizado como contextualização do debate, o livro de Malinowski, *Sexo e repressão na sociedade selvagem* ([1927] 2013).

Palavras-Chave: Malinowski; estilo de pensamento; Etnopsicanálise.

Abstract: The aim of this article is to introduce, in the history of science, the debate between anthropology and psychoanalysis, which took place at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, around the universalization of the "Oedipus Complex" in primitive societies. From our perspective, the dispute between anthropologist and ethnographer Bronislaw Malinowski (1884-1942) and physician and psychoanalyst Sigmund Freud (1856-1939) led to the emergence of a new field of study known as ethnopsychoanalysis. In the course of this text, the aim is to answer the following question: Can the conflict of theories and methods between two scientific disciplines that have the same object of research, in this case man, result in a new field of knowledge? To answer this question, the concepts elaborated by the historian of science Ludwik Fleck, namely "style of thought" and "collective of thought", will guide the epistemological discussions of the two disciplines on the unfolding of this scenario of disputes of ideas. And as the main source, Malinowski's book *Sex and Repression in Savage Society* ([1927] 2013) will be used to contextualize the debate.

Keywords: Malinowski; style of thought; Ethnopsychoanalysis.

Introdução

No texto escrito pelo eminentíssimo psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), *Totem e Tabu* (1912/1913), o médico austríaco ultrapassou as fronteiras da psicologia clínica ao tomar emprestado as notas antropológicas elaboradas por algumas personalidades da Antropologia, do século XIX e início do século XX. Esses antropólogos eram conhecidos como representantes do paradigma evolucionista cultural⁷⁹. Dentre os principais atores, o inglês Sir James Frazer (1854-1941), que estava no auge de sua carreira, influenciou as ideias sobre totemismo e tabu nos textos de Freud. (FREUD, 1912/1914).

Ao tentar explicar sobre o surgimento do “Complexo de Édipo” e pegar emprestado teorias de outro campo de estudo, como a Antropologia, Freud fomentou uma querela entre duas áreas que estudavam o comportamento humano. A publicação do texto do psicanalista ocorreu no período que a antropologia estrutural funcionalista, na Inglaterra do final do século XIX para início do século XX, estava reformulando o campo de estudo para superar a antropologia evolucionista. (SANTOS, 2023). Por causa disso, nesse momento, surge um breve debate entre alguns antropólogos que defendiam o entendimento de grupos sociais por meio da cultura e os psicanalistas que defendiam o entendimento dos grupos sociais por meio da “psi”, ou seja, a mente humana.

Entre esses pesquisadores, a figura de um jovem antropólogo e etnógrafo polonês, conhecido como Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) se destaca ao confrontar as ideias freudianas em seu livro *Sexo e repressão na sociedade selvagem* ([1927] 2013). O interesse de Malinowski por psicologia primitiva e, de certa forma, adepto a algumas das teorias freudiana, fez o pesquisador refletir sobre a teoria do “Complexo de Édipo” no contexto dos trobriandeses, grupo social que havia realizado

⁷⁹ De acordo com Santos (2022, p. 12-13) “O evolucionismo defendia que as culturas passavam pelos mesmos estágios, seguindo a mesma linha de evolução social. Mas cada autor enfatiza um aspecto ‘evolutivo’: alguns, o evolucionismo biológico (superioridade de determinadas raças, como Herbert Spencer), outros, o evolucionismo religioso (animismo, politeísmo e monoteísmo, de E. Tylor), outros a sequência obrigatória do progresso (selvageria, barbárie e civilização, de Lewis Morgan, como também a sua perspectiva de evolução familiar, da promiscuidade primitiva à família bilateral moderna de tipo europeu), outros a comparação tanto no tempo, como no espaço, costumes praticados por diversos povos, fossem estes das Antiguidade Clássica, camponeses europeus ou os ‘primitivos’ do período (James Frazer). A perspectiva funcionalista rejeita completamente essa teorização, e não só porque inseriram a observação participante e a necessidade de material empírico, mas porque partiam do princípio de que cada sociedade deve ser vista/analisada em si mesma, como um todo integrado de costumes e relações.”

pesquisa na Nova Guiné melanésia. O trabalho etnográfico entre os nativos ocorreu no período de 1914-1918 e foi considerado um dos trabalhos de campo mais extensos daquela época. (SANTOS, 2023). O que resultou no seu principal livro sobre o grupo, sendo este: *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* (1922). Por causa dessa experiência imersiva, relendo o material coletado para escrever *Argonautas*, Malinowski, anos depois, afirmou a impossibilidade de um complexo universal exposto por Freud e seus seguidores, ao publicar um texto que argumentava o oposto dessa ideia.

No texto *Totem e Tabu*, o objetivo de Freud foi construir uma narrativa que explicasse o surgimento das neuroses e de alguns traumas presentes na nossa sociedade, por meio de algumas instituições primitivas. Além de tentar explicar o início das sociedades⁸⁰. Para tal fim, os estudos de Frazer em *The Golden Bough* (1890), norteou a maior parte do texto, ao explicar sobre totemismo⁸¹ e tabu⁸² na estrutura social nativa. Em busca de respostas para as questões psicanalíticas emergentes, as pesquisas concluíram que o trauma encontrado em alguns pacientes começou pelos nossos ancestrais na horda primitiva (FREUD, 1912-1913; 1924; MALINOWSKI, [1927] 2013).

Diante dessa breve exposição, esse artigo pretende realizar uma introdução do debate teórico entre Antropologia e Psicanálise, especificamente nas discussões entre Freud e Malinowski, em torno do “Complexo de Édipo”. Como fonte principal para apresentar as discussões entre os dois campos, os trechos do livro de Malinowski, *Sexo e repressão na sociedade selvagem* (edição de 2013 da editora vozes), contrapondo as ideias de Freud, foi essencial para a nossa leitura e contextualização dos

⁸⁰ De acordo com Lima et al. (2021, p. 106-107): “Por meio de dados etnográficos secundários, elencou uma mitologia fundacional na qual a existência de interdições – ou tabus – seria comum a todas as sociedades, como é o caso do incesto; bem como discorreu sobre a universalidade do Complexo de Édipo.”

⁸¹ Conforme Freud (1912-1913, p. 12): “No lugar das instituições sociais religiosas que não têm, acha-se entre os australianos o sistema do totemismo. Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu totem. Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã. O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos. Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo). O caráter do totem não é inerente a um só animal ou ser individual, mas a todos da espécie. De quando em quando são celebradas festas, em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e as características de seu totem.”

⁸² Segundo Freud (1912-1913, p. 26): “‘Tabu’ é uma palavra polinésia cuja tradução nos apresenta dificuldades, pois já não possuímos o conceito por ela designado. Entre os antigos romanos ele ainda era comum, o seu *sacer* era o mesmo que o tabu dos polinésios. Também o *?goV* dos gregos e o *kodansch* dos hebreus devem ter significado o mesmo que os polinésios exprimem com ‘tabu’, e muitos povos da América, África (Madagascar), Ásia Central e do Norte, com denominações análogas. O significado de ‘tabu’ se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado quer dizer ‘santo, consagrado’; por outro, ‘inquietante, perigoso, proibido, impuro’. O contrário de ‘tabu’, em polinésio, é *noa*, ou seja, ‘habitual, acessível a todos’. Assim, o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão ‘temor sagrado’ corresponde frequentemente ao sentido de ‘tabu’”.

desdobramentos do debate. Pois, na nossa perspectiva, foi por causa dos pontos de interseção no texto de Freud e do etnógrafo, discutindo a aplicação do “Complexo de Édipo” em culturas “primitivas” e a impossibilidade da universalização do complexo, que os seguidores de Freud se sentiram instigados a unir as duas ciências em busca de respostas concretas. Nesse encontro de duas áreas distintas em métodos e teorias, surge, conforme Fleck (2010), um novo “estilo de pensamento”.

A partir dos conceitos cunhados pelo historiador da ciência e, também, polonês Ludwik Fleck (1896-1961), sobre “estilo de pensamento” (os pressupostos de pensamento sobre os quais o coletivo constrói seu edifício de saber) e “coletivo de pensamento” (unidade social da comunidade de cientistas de uma disciplina) (SCHAFER et al., 2010, p. 16), exposto em seu livro *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* (2010), propomos fazer, nesta pesquisa, um paralelo sobre a teoria fleckiana e o debate de Freud e Malinowski. A leitura fleckiana acerca dessa divergência intelectual, possibilita um esclarecimento sobre os desdobramentos epistemológicos das duas áreas científicas, Psicanálise e Antropologia e, ainda, corrobora na busca por resposta para a seguinte questão: O conflito de teorias entre duas disciplinas científicas que possuem o mesmo objeto de pesquisa, nesse caso o homem, pode resultar em um novo campo do conhecimento?

Logo, a teoria fleckiana chama a nossa atenção para o seguinte:

[...] alguma coisa de cada estilo de pensamento permanece. [...] todo estilo de pensamento contém descendente do desenvolvimento histórico de vários elementos de outros estilos. Provavelmente muitos poucos conceitos completamente novos são formados sem relação qualquer a um estilo de pensamento anterior. Normalmente, apenas muda seu colorido (*Farbung*), como o conceito científico de força originou do conceito cotidiano de força, assim, também o novo conceito de sífilis origina do místico. Desse modo, nasce uma conexão histórica (*geschichtlicher Zusammenhang*) entre os estilos de pensamento. (FLECK, 1980, p. 130 apud CONDÉ, 2005, p.141).

A conexão histórica entre a Psicanálise e Antropologia é percebida no método empregado pela Etnopsicanálise, ao considerar fatores externos como a cultura do sujeito, além de questões internas da mente humana, no momento do tratamento clínico. Nesse sentido, conforme Fleck (2010, p. 17) “a ciência deve ser entendida essencialmente como um processo coletivo”. Mesmo que esse coletivo não inclua somente os seus pares. Portanto, temos, também, nesse período, as contribuições de especialistas que transitavam entre as duas disciplinas, como Géza Róheim (1891-1953), psicanalista, antropólogo hungaro e um dos fundadores desse novo campo de estudo. Róheim foi um dos seguidores de Freud e o pesquisador responsável por retornar a região da melanésia para realizar um

novo estudo, após a publicação do livro de Malinowski que contestou o complexo freudiano⁸³. O objetivo da expedição foi provar que as formulações de Malinowski falharam na interpretação do complexo. (BAIRRÃO; BARROS, 2010).

No final do século XIX e início do século XX, os pesquisadores das ciências humanas e sociais se esforçavam para conquistar o reconhecimento científico, uma vez que disciplinas das ciências da natureza se sobressaiam. Diante de fatores externos ao ambiente acadêmico, como o surgimento das cidades urbanas, o desenvolvimento acelerado do capitalismo e das tecnologias, consequentemente, essas questões elevou a quantidade de problemas sociais. O que favoreceu algumas disciplinas que estudavam o homem, como a Antropologia e Psicanálise, a exercerem suas pesquisas e refinarem suas bases epistemológicas. (SANTOS, 2023).

De acordo com Fleck (1980), as transformações significativas em um campo de estudo podem ocorrer por meio de conflitos que extrapolam o ambiente do saber (comunidade científica) e ocupem o campo do social e político (sociedade). Pois, o ambiente acadêmico não está imune dos acontecimentos que ocorrem na esfera política, que chegam a atingir uma mudança global (conflitos bélicos, desigualdade social, pandemias e desastres naturais). São esses acontecimentos externos (sociedade) e a interação dos cientistas com esse ambiente, que porporcionam mudanças significativas na base de uma disciplina.

Para a sociologia da ciência é importante sustentar que grandes transformações no estilo de pensamento, isto é, importantes descobertas, frequentemente ocorrem durante períodos de confusão social geral. Tais “períodos de inquietação” revela a rivalidade entre as opiniões, diferenças entre pontos de vista, contradições, falta de clareza e a impossibilidade de perceber diretamente uma forma (*Gestalt*) ou sentido (*Sinn*). Um novo estilo de pensamento nasce de tal situação. (FLECK, 1980, p. 124 apud CONDÉ, 2005, p.136)

⁸³ De acordo com Bairrão e Barros (2010, p. 46): “Tomando conhecimento das críticas dirigidas à sua obra, Freud convidou seu colega etnólogo e psicanalista Géza Róheim a reagir às análises de Malinowski. Financiado por Marie Bonaparte, Róheim segue à Nova Guiné e contesta *in loco* as afirmações que Malinowski proferiu contra a teoria freudiana (LIOGER, 2002), apontando o profundo desconhecimento do autor em relação à psicanálise, a começar pelo fato de que Malinowski se valia do discurso manifesto dos indígenas para atestar a inexistência de complexo de Édipo entre os trobriandeses, por exemplo.”

Psicanálise e Antropologia no livro *Sexo e repressão na sociedade selvagem* ([1927] 2013)

O texto de Malinowski apresenta uma contextualização ampla do debate. Nele, encontramos uma explicação que vai além da possibilidade da universalização do complexo. A preocupação do antropólogo estava, também, centrada na argumentação dos psicanalistas sobre o surgimento da cultura. De acordo com Malinowski (2013), os psicanalistas freudianos acreditavam que o parricídio na horda primitiva foi o responsável pelo surgimento da cultura. Diante dessa especulação freudiana, escolhemos apresentar para introduzir o debate, neste artigo, trechos que discorrem sobre dois pontos importantes do livro, a saber: (1) A impossibilidade da universalização do “Complexo de Édipo”, por parte da Antropologia; (2) O conceito de cultura na perspectiva da Antropologia e dos psicanalistas freudianos.

A Psicanálise, no início do livro, foi apresentada pelo antropólogo como uma doutrina que aborda a influência familiar sobre o espírito humano. As relações entre os membros de um corpo familiar (pai, mãe, irmão e irmã), com a criança, são apontadas como os principais responsáveis por determinar, no futuro, as atitudes comportamentais e mentais do sujeito. As experiências permanecem no inconsciente⁸⁴ durante a trajetória do indivíduo e, por mais imperceptível que seja, acabam influenciando as interações que ele promove com a sociedade. (MALINOWSKI, [1927] 2013). Nesse sentido, o trecho, abaixo, é um exemplo da primeira abordagem que propomos realizar do livro, a saber: (1) a impossibilidade da universalização do “Complexo de Édipo”. Na observação participante realizada em Trobriand, o etnógrafo expõe seu primeiro questionamento acerca do complexo freudiano. Ao tentar aplicar a teoria de Freud, sobre o complexo, na sociedade nativa de Trobriand, Malinowski notou divergências na estrutura social do grupo, que, de certa forma, interferiu na efetividade e confirmação da teoria, como:

Surge, por conseguinte, o problema de saber se os conflitos, paixões e ligações no interior da família variam com a constituição desta ou se permanecem iguais em toda a humanidade. Se variam, como de fato acontece, então o complexo nuclear da família não pode permanecer constante em todas as raças e povos humanos, devendo variar com a constituição da família. A principal tarefa da teoria psicanalítica é, portanto, estudar os limites da variação, estabelecer a fórmula apropriada e finalmente discutir os tipos destacados de constituição da família e enunciar as formas correspondentes do complexo nuclear. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 16).

⁸⁴ Conforme Weinfeld Reiss (2018, p.330): “Em síntese, para Freud, o inconsciente é uma entidade dotada de conteúdo — ‘representantes da pulsão’”.

Com esse problema da variedade familiar em diferentes culturas, Malinowski ([1927] 2013, p. 17) afirma que o “Complexo de Édipo” universal não está correto e que se trata exclusivamente da família patrilinear ariana, um contexto cultural da qual Freud e Malinowski se formaram enquanto indivíduos. Apesar dessa premissa, o antropólogo afirma que a Psicanálise, ao ressaltar que o interesse do homem “primitivo” concentrava-se nele e naqueles que o cercam, trouxe um fundamento relevante para os estudos da psicologia primitiva. No entanto, o erro dos psicanalistas foi desconsiderar as particularidades de cada cultura e sociedade. O que prejudicou, na percepção de Malinowski, a efetivação do “Complexo de Édipo”.

A popularidade da Psicanálise foi significativa no início do século XX. Freud havia publicado alguns textos importantes da sua carreira, como *Totem e tabu* (1913/1993), *Mal-Estar na Civilização* (1930/2002), *O Futuro de uma ilusão* (1927/2001) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1986). O desejo do pesquisador era descobrir uma “clínica da cultura”. O que, consequentemente, despertou o interesse e, ao mesmo tempo, a desaprovação de alguns pesquisadores, por causa do tratamento aberto que dava ao discutir sexo e os desejos humanos reprimidos. Esse era o tema principal dos escritos de Freud e mesmo não se considerando um adepto da Psicanálise freudiana, Malinowski reconheceu a relevância do empreendimento realizado pelos psicanalistas ao discutir um tema considerado tabu pela sociedade. (BAIRRÃO. BARROS, 2010; MALINOWSKI, [1927] 2013).

Após algumas leituras referente a bibliografia psicanalítica, o etnógrafo acrescenta que foi convencido de ter suas dúvidas justificadas após examinar cuidadosamente as obras de Freud: *Totem e Tabu*, *Psicologia de grupo e análise do ego*; do livro *Australian Totemism* de Róheim; e dos trabalhos antropológicos de Reik, Rank e Jones. A terceira parte do livro são suas conclusões sobre essas leituras. Na leitura de *Totem e Tabu*, Malinowski identificou que Freud tentou explicar que as instituições sociais e culturais são produções do inconsciente e podem ser acessadas por meio de sessões de análise. Contudo, enquanto antropólogo, Malinowski considera que era preciso ter um conhecimento sólido sobre a vida nativa, de preferência, a convivência na rotina desses grupos. A observação participante é uma das maiores contribuições de Malinowski para a antropologia moderna, por isso, o pesquisador defendia, de uma maneira obstinada, a participação ativa na vida desses povos.

No trecho, abaixo, tem-se uma primeira crítica feita ao texto de Freud por Malinowski:

Como antropólogos, sinto mais especialmente que as teorias ambiciosas referentes aos selvagens, as hipóteses sobre a origem das instituições humanas e as explicações da história da cultura deveriam basear-se em um sólido conhecimento da vida primitiva, assim, como dos aspectos inconscientes e conscientes do espírito humano.

Afinal, nem o casamento por grupos, nem o totemismo, nem o costume de evitar a sogra, nem a magia acontecem no “inconsciente”. São todos fatos sociológicos e culturais sólidos e para tratar teoricamente deles, requer-se um tipo de experiência que não pode ser adquirido no consultório. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 10).

Na parte III do livro, chamado “Psicanálise e Antropologia”, Malinowski cita que pretende apresentar uma colaboração entre as duas áreas. E o eixo central da discussão continua sendo o “Complexo de Édipo”. A teoria do complexo foi construída sem qualquer influência de teorias sociológicas e culturais, uma vez que a Psicanálise começou como uma técnica de tratamento baseada na observação clínica. Enquanto se expandia, chegou a ser um campo para a explicação das neuroses e mais tarde tornou-se uma teoria dos processos psicológicos. Por fim, a Psicanálise passou a ser considerada uma disciplina que explicava uma parte significativa dos fenômenos do corpo, do espírito, da sociedade e da cultura. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 93). Após essa explicação da formação da disciplina, um confronto entre as ideias de Alfred Ernest Jones (1879-1958), psicanalista, amigo e o primeiro biógrafo de Freud, e Malinowski ganham destaque no capítulo.

Dr. Jones (referido assim por Malinowski) leu o livro que Malinowski escreveu sobre Trobriand, *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* (1922), e chegou a utilizar esse material como referência para o seu trabalho. No entanto, as conclusões sobre o complexo e a cultura tomaram direções diferentes, o que ficou exposto no livro do antropólogo. Para o psicanalista, o trabalho de Malinowski representava o complexo nuclear como um contexto que varia de acordo com a estrutura social e cultural do grupo. (MALINOWSKI, [1927] 2013). No complexo nuclear de Trobriand, por exemplo, o etnógrafo encontra um sistema matrilinear⁸⁵ que modifica a configuração do “Complexo de Édipo”. Com isso, tem-se um “complexo nuclear reprimido” que “consiste na atração do irmão com a irmã e o ódio do sobrinho ao tio” (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 97). Nesse cenário não faz sentido a universalização do complexo para Malinowski, já que as configurações de uma estrutura social matrilinear ou patrilinear⁸⁶ modificam as relações e obrigações familiares.

Apesar dessa conclusão pertinente, o Dr. Jones discorda da insistência do etnógrafo de negar a existência do complexo nas sociedades nativas e menciona que a questão está no sistema (matrilinear

⁸⁵ Sistema de parentesco, de filiação através do qual somente a ascendência (família) da mãe é tida em consideração para a transmissão do nome, dos benefícios ou do *status* de se fazer parte de um clã ou classe. Conferir em: <https://www.dicio.com.br/matrilinear/>.

⁸⁶ Relacionado com a família paterna; refere-se aos parentes por parte do pai: tio patrilinear; irmão patrilinear. Conferir em: <https://www.dicio.com.br/matrilinear/>.

ou patrilinear). Pois, uma vez havendo a troca do sistema matrilinear pelo sistema patrilinear, podemos encontrar as configurações que concernem ao “Complexo de Édipo”. A atração do filho pela irmã substitui a atração do filho pela mãe. E o ódio ao tio pode ser comparado ao ódio e conflito que o filho tem com o pai. No fim, essas configurações apenas substituem os personagens, mas o complexo permanece o mesmo como pano de fundo. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p.98-99). Nesse confronto, entramos no segundo ponto principal do texto, a saber: (2) o conceito de cultura para a Antropologia e os psicanalistas freudianos.

Conforme já foi mencionado, o essencial da dificuldade consiste no fato de que para o Dr. Jones e outros psicanalistas o complexo de Édipo é algo absoluto, a fonte primordial, em suas próprias palavras, a *fons et origo* de tudo. Para mim, por outro lado, o complexo familiar nuclear é uma formação funcional, que depende da estrutura e da cultura de uma sociedade. [...] É necessariamente determinado pela maneira em que as restrições sexuais são moldadas numa comunidade e pela maneira em que a autoridade é distribuída. Não posso conceber o complexo como causa primeira de tudo, como uma única fonte da cultura, da organização e da crença, como uma entidade metafísica, criadora, mas não criada, anterior a todas as coisas e não causada por algum motivo. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 97).

Malinowski não ficou convencido com a resposta do Dr. Jones, sobre o complexo estar por trás das novas representações geradas pelo sistema matrilinear. Por isso, indo além da leitura do ensaio do psicanalista, estudou as contribuições antropológicas dos psicanalistas em geral e conseguiu mapear o surgimento da teoria do “Complexo de Édipo”. Conforme o etnógrafo ([1927] 2013, p. 98-99): “originou-se do famoso crime totêmico que teve lugar na horda primitiva”. As influências de Freud para escrever *Totem e Tabu* e formular a ideia do “Complexo de Édipo”, teve origem na biologia e teologia inspirado por Charles Darwin (1809-1882), pai do evolucionismo biológico, e de William Robertson Smith (1846-1894), teólogo escocês.

Em um primeiro momento, tem-se a ideia de “horda primitiva” de Darwin, que representa o modelo mais antigo de família ou de vida social constituídos de pequenos grupos. Esses grupos, geralmente, são representados e protegidos por uma figura dominante, o macho adulto. Nessa relação de dominação, o macho tem em sua pose um certo número de fêmeas e crianças para proteger. E, em um segundo momento, tem-se a influência do sacramento totêmico exposto por Smith. Na concepção do teólogo, o mais antigo ato de religião consistiu em uma refeição comum entre o clã que comiam o animal totêmico em caráter ceremonial. (MALINOWSKI, [1927] 2013). Pensando nessas duas teorias, Freud acrescenta uma de própria autoria: “a identificação do homem com o totem é um traço da

mentalidade comum às crianças, aos primitivos e aos neuróticos, baseado na tendência a identificar o pai com algum animal desagradável” (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 100-101).

O mapeamento das referências de Freud, para criar a teoria do “Complexo de Édipo”, chegou a um ponto específico da teoria de Darwin: o naturalista comparar as formas de organização dos grupos humanos com a forma de organização dos gorilas⁸⁷. Esse trecho foi apontado por Malinowski como o ponto principal do parricídio. Nesta passagem, Darwin menciona explicitamente a comparação entre homens e gorilas. Apesar de achar uma comparação confusa, Malinowski diz ter respeito com a escolha do naturalista, pois, enquanto a diferença filosófica entre um homem e um gorila soa insignificante. A diferença entre a família organizada e a família dos gorilas tem certa relevância para o debate sociológico. (MALINOWSKI, [1927] 2013).

Os sociólogos, conforme Malinowski ([1927] 2013), sabiam diferenciar a vida animal no estado de natureza e a vida humana no estado de cultura. E no caso de Darwin, esse fato não tinha muita relevância, uma vez que o naturalista estava desenvolvendo um argumento estritamente biológico sobre a hipótese da promiscuidade. O crime totêmico, na perspectiva psicanalítica, deu origem a culpa e, por causa disso, os homens precisaram se organizar, criando, assim, as “primeiras” leis. A partir desse incidente, tem-se um indício do nascimento da cultura, pois, uma vez organizados socialmente, a comunidade avançava para outros estágios de cultura.

Então, para o psicanalista freudiano, a conexão do “Complexo de Édipo” com o crime totêmico da horda primitiva foi o responsável por fundamentar a cultura:

[...] para o psicanalista o complexo de Édipo, como sabemos, é o fundamento de toda a cultura. Isto significa para ele não somente que o complexo governa todos os fenômenos culturais, mas também que os procede no tempo. O complexo é *a fons et origo*. Da qual brotam a ordem totêmica, os primeiros elementos da lei, o início do ritual, a instituição do direito materno, enfim tudo quanto é considerado pelo

⁸⁷ Trecho de Darwin sobre parricídio: “Podemos na verdade concluir, do que sabemos sobre o ciúme de todos os quadrúpedes machos, armados, como muitos deles são, com armas especiais para lutar contra seus rivais, que as relações sexuais promíscuas no estudo da natureza são extremamente improváveis. [...] se portanto olharmos para trás bastante longe na corrente do tempo e julgarmos pelos hábitos sociais do homem tal como existe agora, a concepção mais provável é que o homem vivia originariamente em pequenas comunidades, cada um com uma única mulher ou, quando era poderoso, com muitas mulheres, que defendia ciosamente contra todos os outros homens. Ou ele pode não ter sido um animal social e no entanto ter vivido com várias mulheres, como o gorila; pois todos os nativos estão de acordo em que somente o macho adulto é visto em um bando. Quando o macho jovem cresce tem lugar na luta pelo domínio, e o mais forte, matando e expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade. Os machos mais jovens sendo assim expulsos e vagueando, quando por fim conseguem encontrar companheira, evitam o acasalamento demasiado estreito nos limites da mesma família.” (DARWIN apud MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 100-101).

antropólogo geral e pelo psicanalista como os primeiros elementos da cultura. (MALINOWSKI, [1927] 2013, p.108).

Essa transição de um estado de natureza para o de cultura, de acordo com Malinowski, não aconteceu dessa forma. O antropólogo ainda afirma ser o complexo, um subproduto da cultura e não a sua *fons et origo*. Na sua concepção, não podemos acessar ou observar a cultura *in status nascendi*. O que, então, na percepção de Malinowski, podemos fazer? Podemos indicar o papel de alguns fatores, para o desenvolvimento da cultura, que impactaram psicologicamente a consciência humana. E, ainda, como os elementos não psicológicos impactaram a vida das pessoas (MALINOWSKI, [1927] 2013, p. 119-120-121).

Na citação, abaixo, nota-se a diferença na visão de mundo (*Gestalt*) do antropólogo para a citação anterior, sobre a *fons et origo*, que representa a visão de mundo (*Gestalt*) dos psicanalistas freudianos

A transição real do estado de natureza para o de cultura não se processou por um salto, não foi um processo rápido, não foi certamente uma transição abrupta. Temos de imaginar os mais antigos desenvolvimentos dos primeiros elementos da cultura-línguagem, tradição, invenções materiais, pensamento conceitual- como um processo muito laborioso e muito lento, realizado de maneira cumulativa por um número infinitamente grande de passos infinitamente pequenos, integrados durante enormes extensões de tempo. Não podemos tentar reconstruir em detalhes este processo, mas podemos enunciar os fatores relevantes desta modificação, podemos analisar a situação da primitiva cultura humana e indicar, dentro de certos limites, o mecanismo pelo qual se gerou.

Etnopsicanálise na perspectiva fleckiana

Após essa breve apresentação dos pontos relevantes do livro de Malinowski, iremos avançar para a discussão em torno da nossa questão principal: O conflito de teorias e métodos entre duas disciplinas científicas que possuem o mesmo objeto de pesquisa, nesse caso o homem, pode resultar em um novo campo do conhecimento? No debate apresentado anteriormente, percebe-se que houve um esforço de ambas as partes (psicanalistas e antropólogo) de favorecer os seus conhecimentos em detrimento do outro. Mas, na nossa perspectiva, esse esforço de provar qual teoria estava certa se desdobrou em um terceiro campo de conhecimento, como a Etnopsicanálise, ao invés de anular ou superar uma das teorias sobre o complexo. De acordo com Bairrão e Barros (2010, p. 47-48) esse termo foi empregado, em um primeiro momento, por George Devereux (1908-1985), um etnólogo e adepto da Psicanálise. Ele contribuiu para o desenvolvimento da disciplina, a partir da década de 1960,

ao conjugar características da Psicanálise e Antropologia. O objetivo do pesquisador não era fomentar um campo interdisciplinar, isto é, fundir os dois campos. Mas convocar as duas áreas para explicar os fenômenos humanos.

As reflexões de Devereux, em sua obra *Psychoterapie d'un indien des plaines: réalité et rêve* (1951/1985), exigiam do pesquisador, psiquiatra e psicólogo, que em contatos com outras culturas, analisasse o indivíduo não pelos padrões estipulados pela psiquiatria ocidental, mas, enquanto profissionais, fossem capazes de compreender as necessidades culturais do paciente e sua maneira de vivenciar o mundo. Além de realizar um conhecimento do sistema cultural de seus pacientes. Nessa nova proposta, o ideal era ter disponível na clínica uma equipe multidisciplinar composta por “co-terapeutas de diversas origens (quando possível, da mesma do paciente), psicólogos, médicos, antropólogos, linguistas e um tradutor da língua do paciente para que o mesmo possa se expressar em sua língua materna” (BAIRRÃO. BARROS, 2010, p. 50). Com esse corpo de profissionais, Devereux acreditava na efetividade do tratamento clínico ao atender o paciente “dentro de seus próprios sistemas de crença, a partir de um discurso próprio e em respeito aos seus próprios saberes sobre corpo, saúde ou doença” (BAIRRÃO. BARROS, 2010, p. 50).

O “coletivo de pensamento”⁸⁸ de Fleck (2010), possibilitou uma reflexão além das implicações do debate entre Malinowski e Freud, como a metodologia da Etnopsicanálise, que demanda a atuação de uma coletividade diversa de saberes. O historiador da ciência discorre que nas relações históricas dentro de uma disciplina, há a interação entre o objeto e o processo do conhecimento. E como podemos pensar nessa interação dentro do contexto desta pesquisa? Nesse caso, enquanto Malinowski e Freud fomentavam o debate sobre cultura e complexo, a teoria estava se renovando e ampliando o seu sentido, o que resultou em outro campo de estudo. Além disso, a teoria fleckiana afirma que esse processo de desenvolver um campo de estudo, não ocorre no individual de uma consciência teórica, mas na atividade coletiva empreendida pelas duas disciplinas em diálogo com a sociedade. Então, respondendo a nossa questão, de acordo com Fleck, acreditamos ser possível um debate coletivo promover o surgimento de um novo campo de estudo, mesmo não sendo o propósito ou intenção inicial do grupo. E a Etnopsicanálise é um exemplo desse acontecimento.

⁸⁸ A definição de Fleck (2010, p. 82) para “coletivo de pensamento” é: “a comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, temos, em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento. Assim, o coletivo de pensamento representa o elo que faltava na relação que procuramos.”

Tal coletivo de pensamento existe logo que duas ou mais pessoas trocam ideias. Um mau observador é aquele que não percebe como uma conversa animada de duas pessoas leva a um estado em que cada uma delas manifesta ideias que não seria capaz de produzir sozinha ou em outra companhia. Surge uma atmosfera particular, que nenhum dos envolvidos consegue captar sozinho, mas que volta quase sempre logo que as duas se encontram. (FLECK, 2010, p.87).

A atmosfera criada pelas discussões de Freud e Malinowski contribuíram para que outros pesquisadores, como Róheim e Devereux, fossem um dos primeiros pesquisadores a explorar um novo campo que unisse as duas práticas. Consideramos pertinente destacar que o “estilo de pensamento” fleckiano está representado pelas disciplinas de antropologia e psicanálise enquanto unidades. Pois, como pesquisadores, inseridos em um determinado grupo acadêmico (ciências da natureza ou das humanidades), somos treinados para atender as demandas da disciplina. Esse treinamento condiciona a maneira que enxergamos e pensamos o mundo e o nosso objeto de pesquisa. Além disso, o “estilo de pensamento” de pesquisadores como Malinowski e Freud, que desenvolveram suas próprias teorias, é o que mantém a particularidade de um grupo de pesquisadores. No entanto, como vimos anteriormente, esses pesquisadores (unidade em teoria, mas coletivo por ser um grupo de pessoas) sofrem também influência externa e podem participar de outros coletivos. O que pode acontecer, a partir dessas interações, é o surgimento de um novo campo de estudo aprimorado por um conjunto de ideias que não pertencem, necessariamente, a mesma origem. (FLECK, 2010).

Conclusão

No contexto brasileiro, a disciplina ainda continua no seu *status nascendi*. Apesar de sermos um país diverso em aspectos culturais e propício a receber uma teoria com abordagens decolonial, de acordo com Bairrão e Barros (2010, p. 50), “a discussão antropologia-psicanálise e mesmo as próprias disciplinas ‘etnopsis’ (etnopsicanálise, etnopsiquiatria, antropologia psicanalítica, etnopsicologia) que nasceram da ‘complementaridade’ de ambas, são pouco conhecidas”. O termo etnopsicanálise é utilizado para afirmar a parceria empreendida entre Psicanálise e Antropologia⁸⁹. Os atendimentos clínicos de Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria no Brasil não costumam considerar fatores culturais no diagnóstico do paciente. Esse fato ocorre devido à percepção de que diante a mestiçagem brasileira há um acolhimento das alteridades existente e que somos todos iguais, ou seja, somos todos brasileiros.

⁸⁹ Na perspectiva de Bairrão e Barros (2010, p.51): “Enquanto a psicanálise pode contribuir com um olhar profundo e complexo sobre o outro (e do outro em nós), a antropologia auxilia a conhecer e reconhecer este outro em sua alteridade, bem como nos informando sobre o Brasil e as diferentes práticas culturais do país.”

No entanto, essa ideia que se pretende ser democrática “é culturalmente ‘homogeneizante’ e atento a modelos de pessoa restritos a uma psiquiatria e medicina ocidental” (BAIRRÃO et al., 2010, p. 52). Infelizmente, há pouco interesse e, às vezes, desconhecimento desta teoria e prática por partes de alguns profissionais (que trabalham com saúde mental) do nosso país.

Além disso, o artigo escrito por Emilly Lima et al., “Etnopsicanálise no Brasil: revisando literaturas e contextualizando subjetividades (2020)”, realizou um levantamento bibliográfico para identificar a quantidade de estudos direcionados para Etnopsicanálise no Brasil entre 2010 a 2019. A pesquisa considerou 6 bancos de dados, como: Scielo, Banco de Teses e Dissertações (BDTD), PePsic, LILACS, Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. Ao buscar pela palavra-chave “etnopsicanálise”, foi encontrado apenas 29 trabalhos, entre artigos, teses e dissertações. No entanto, após realizarem um filtro do teor do conteúdo, apenas 6 passaram no teste⁹⁰. Esses trabalhos selecionados, a maioria, pertence ao Laboratório de Etnopsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP). O laboratório foi fundado nos anos 2000 e desde essa época continua sob a coordenação do professor Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão. Atualmente é o único laboratório de referência nessa temática no território brasileiro.

Apesar dos estudos serem escassos, o debate entre Antropologia e Psicanálise, em torno do complexo, mostrou-se promissor para o estudo do desenvolvimento epistemológico de um campo científico. Portanto, ao aplicar a teoria fleckiana de “coletivo de pensamento” e “estilo de pensamento”, para a compreensão do surgimento da Etnopsicanálise, temos a expectativa de promover e fomentar estudos que abordem sobre a formação de disciplinas das ciências humanas e sociais, no campo da História da Ciência. E, com essa nova abordagem, ampliar o campo de estudo para além das disciplinas das ciências naturais.

⁹⁰ Conforme Lima et al. (2020, p. 110-11): “Na etapa de seleção foram excluídos 11 trabalhos, dos quais 7 apareceram nos resultados de mais de uma base de dados e 4 não estavam com a obra completa disponível, dispondo apenas do resumo. Todos os trabalhos selecionados passaram por uma análise detalhada de seus resumos e palavras-chave na fase de elegibilidade. Foram elegidos somente trabalhos que continham exatamente o termo “Etnopsicanálise” nas palavras-chave e que discorriam sobre a Etnopsicanálise ao longo do texto. Após os processos de seleção e elegibilidade, foram incluídos 6 trabalhos de diferentes naturezas, entre articulações teóricas, relatos clínicos e teses de doutorado.”

Referências bibliográficas

Fonte

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Tradução de Francisco M. Guimarães (Coleção Antropologia). ed. Vozes. 3º ed., Petrópolis: Rio de Janeiro. 2013.

Bibliografia

BAIRRÃO, Miguel Henriques. BARROS, Mariana Leal de. *Etnopsicanálise*: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. rev. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais. São Paulo, Jan./Jun., vol. 11, n. 1, 2010, p. 45-54.

CONDÉ, Mauro Lúcio. *Paradigma versus estilo de pensamento na história da ciência*. Texto apresentado no 9º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro, 2003, p. 123-146.

DOMINGUES, Eliane. HONDA, Hélio. REIS, Juliana Gomes dos. *A etnopsicanálise de Devereux no filme Jimmy P.*: uma introdução à clínica transcultural. rev. Psicologia em estudo, v. 24, 2019, p.1-15.

FANTINI, J. A. *A construção do social – antropologia e psicanálise*. In: *Imagens do pai no cinema: clínica da cultura contemporânea* [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 17-64. ISBN: 978-85-7600-365-6. <https://doi.org/10.7476/9788576003656>.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento analítico e outros textos (1912-1914)*. ed. Companhia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza. v. 11, p.7-79 .

_____. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. ed. Companhia das letras. Tradução: Paulo César de Souza. v. 16, p. 182-192.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

_____. *Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftliche Tatsache: Einführung in die Lehre vom Denkstil und Denkkollektiv*. rev. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1980.

LIMA, Emily. SIQUEIRA, João Paulo. VIEIRA, Luiz Otávio. *Etnopsicanálise no Brasil*: revisando literaturas e contextualizando subjetividades. rev. Pensata. v.10, n.1,jul., 2020,p. 102-115. DOI: <https://doi.org/10.34024/pensata.2021.v10.11047>.

SANTOS, Franciely C. *Um polonês entre os vitorianos*: a trajetória intelectual de Bronislaw Malinowski. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. 2023.

_____. *Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942)*: o processo de constituição da etnografia enquanto método antropológico. rev. *Tempo da Conquista*. 2022, p.1-25.

SCHADEN, Egon. *A Antropologia em face da Psicanálise*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 2, 1956, p.143–150. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1956.110342. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/110342>. Acesso em: 15 maio. 2024.

SCHAFFER, Lothar. SCHBELLE, Thomas. *Introdução: fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência.* In.: FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico.* Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p.1-36.

WEINFELD REISS, Regina. *Entre Totens e tabus: estruturalismo e psicanálise.* **Anuário Antropológico**, [S.l.], v.10, n.1, 2018, p.326–332. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6373>. Acesso em: 17 maio. 2024.